



CÍRCULO DE ARTE

REVISTA

# PROVOCAÇÕES URBANAS

Nº 02 - 2016

# APRESENTAÇÃO

Provocações Urbanas é um evento interdisciplinar de arte na rua promovido pelo Eranos Círculo de Arte na cidade de Itajaí. Esta revista é uma publicação de registro do evento e foi escrita pelos artistas participantes da segunda edição, que ocorreu em outubro de 2015 na rua Hercílio Luz e mediações: Mauro Caelum, Téspis Cia de Teatro, Sandra Coelho, Sérgio Adriano H, Grupo Risco de Teatro, Leandro Maman e Franzoi.

Dedicamos esta segunda edição ao artista e amigo Mauro Caelum, que nos deixou em setembro de 2016, enquanto finalizávamos esta revista. Caelum é uma palavra em Latim que significa Céu, lugar em que Mauro transcendia ao realizar sua arte, e que agora faz sua morada. Ao lado, foto de Mauro deixando sua marca nas ruas de Itajaí no Segundo Provocações Urbanas. Que honra, que graça, que privilégio. Seremos eternamente saudosos daquele que elevou o sonho ao alcance das mãos de todos.

Eranos Círculo de Arte.



# SUMÁRIO

## FIGURAS DA ALMA

*Mauro Caelum*

06

## MEMÓRIAS

*Sandra Coelho (Eranos Círculo de Arte)*

08

## COSTUME

*Denise da Luz (Téspis Cia de Teatro)*

12

## "VERDADE 1000 VEZES REPETIDA SE TORNA VERDADE"

*Sérgio Adriano H*

16

## A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE NO JOGO REAL/FICCIONAL

*Rafael Orsi de Melo (Grupo Risco de Teatro)*

20

## REFLEXO

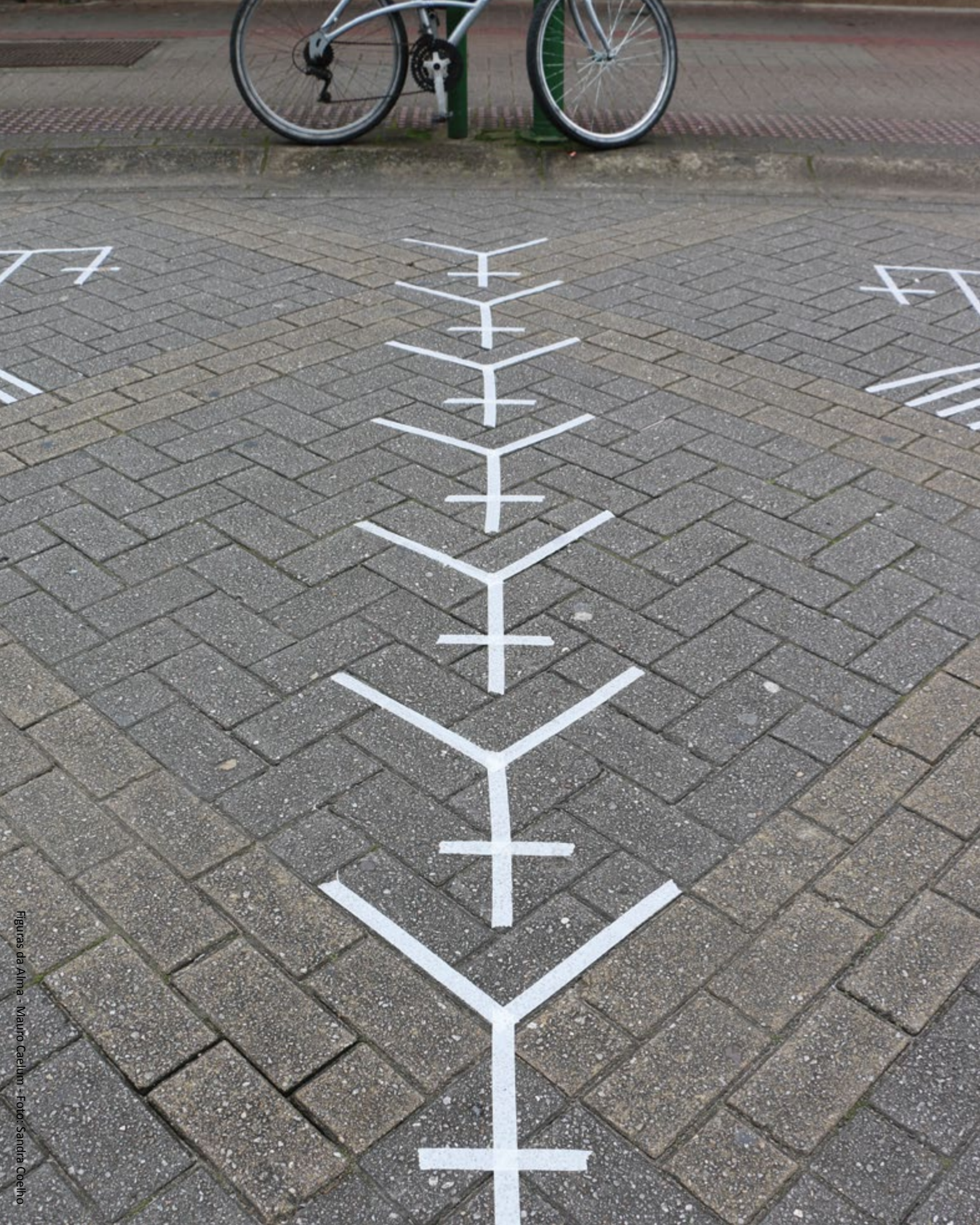
*Leandro Maman (Eranos Círculo de Arte)*

22

## CORTES EM NÓS 2

*Franzoi*

26



# FIGURAS DA ALMA

Mauro Caelum  
Poeta, artesão e artista plástico

**AS SETAS** Os meus desenhos surgiram a partir das setas, sempre gostei de rabiscar setas nas minhas agendas, elas me mostravam caminhos em direção da arte e do desconhecido. As setas viraram triângulos que se transformaram em figuras que criaram vida. As figuras nascem todos os dias com traços diferentes, com outras formas e assim foram tomando conta do meu imaginário. E no exercício diário da criação, mais setas foram criadas, novos lugares foram surgindo.

**AS FIGURAS DA ALMA** Hoje entendo que elas me guiam ao caminho do bem, de ser gente e viver em harmonia. Naturalmente as setas me guiaram para o chão, base, onde se pisa, por onde nos orientamos. Interferindo na geografia e utilizando as formas já prontas, dar-lhes vida e libertá-las.

**PROVOCAR** Quem mais dialoga e se impressiona com as interferências são os que vivem por ali. Os que fazem da rua sua casa, os excluídos são sem dúvida os seres mais sensíveis para com a arte na rua. Tudo que faço é poesia. A cidade precisa de flores, mas não só delas. Ela precisa de arte. A cidade é minha mãe, é ela que me guia. Setas, caminhos, direcionamentos, abordagens, possíveis diálogos. Na rua tudo se conecta.

**MAURO CAELUM POR MAURO FILHO** Mauro Sérgio Santos, Mauro Caelum, Mauro Pai. Tanta grandeza em alguém de feições e gestos tão simples. Sua produção artística é retrato de sua linda passagem. Costumava dizer que sua obra o transformou. O "Caelum", céu em latim, era pra onde tinha ido depois de descobrir a arte. Amou Itajaí, suas ruas, seu mar, suas casas, seus navios e, sobretudo sua poesia. Amou o lixo, o descartável e o homem da rua. Sua arte e sua poesia ficam como presente para a cidade. Na memória de quem teve a oportunidade de conhecê-lo. No coração de quem teve contato com suas palavras. Eu, como filho, tive o privilégio de viver sua sensibilidade e seu amor pela vida. Mauro Caelum eterno.

# MEMÓRIAS

Sandra Coelho

Alquimista, performer, psicóloga e membro do Eranos Círculo de Arte

*Para o tempo passado não ser tempo perdido, é preciso dar presença a ele.  
(James Hillman, 2001)*

Esta performance é dedicada ao celeiro do passado. Passado vivido, não-vivido, idealizado, longínquo, feliz, doloroso, vasto. Passado múltiplo, mas sempre imaginado. No ato de recordar, o centro da lembrança é a imaginação. Isto porque certamente acrescentamos as imagens das lembranças o calor do tempo, algo que ‘anima’ os fatos, que os relê, que acrescenta distância, e portanto maior visão, consciência, intenção da alma. Durante muito tempo a palavra memória significava ‘trazer imagens à mente’ – diz Hillman (2001). A Memória entendida como imagem localizada e *qualificada* pelo fator tempo.

Segundo Vernant (2000), na mitologia grega, a Memória é personificada através de Mnemosyne, uma titã filha da deusa Gaia e do deus Urano. Que além de ser filha da Terra e do Céu, também era irmã do Tempo (Cronos), tida como a protetora das Artes e da História. A deusa Memória carrega o bastão da sabedoria talhado em loureiro (skeptron) e sua função é revelar o que foi e o que será. Concedia o poder de voltar às origens e à essência e lembrá-las para a coletividade. Também conferia o dom da imortalidade, pois quem se torna memorável não morreria jamais.

É desta matéria que a performance ‘Memórias’ se alimenta. Em um vestido repleto de bolsos, armazeno memórias reais de pessoas desconhecidas que cruzam ‘aleatoriamente’ o meu caminho. A performance dá continuidade ao processo de pesquisa de ações urbanas que tem como território de troca ou encontro um *Vestido*. Em ‘Memórias’ lembranças são guardadas nos bolsos do meu corpo-vestido, e a cada interação que acontece na rua, uma memória é resgatada e

lida por uma pessoa. Em troca, essa pessoa escreve num papel uma nova memória que é guardada novamente num dos bolsos do vestido para que em outro lugar, uma outra pessoa encontre/leia/ imagine essa memória.

Sempre gostei de ouvir histórias reais. A forma como as pessoas vivem suas vidas me parece mais interessante do que qualquer tipo de ficção. As vezes fico observando as pessoas nas ruas fazendo pequenas coisas, escolhas, refletindo, interagindo, em pequenos gestos. A vida privada, os rituais, as manias, as preferências, as afetividades. Os risos, o passo largo, as contenções. Observo especialmente a forma como as pessoas narram suas histórias: miúdas, longas, frias, emocionais, reais, longínquas. Gosto mais de ouvir do que falar. Quando ouço uma narrativa é como se uma pessoa abrisse uma janela da sua casa e me convidasse a observar. Nestas casas vejo imagens que sobrevivem no tempo e são protegidas pela Memória.

- não sei se estou a recordar ou imaginar quando as reencontro em meus devaneios - Gaston Bachelard nos sugere uma reflexão sobre a experiência poética como uma espécie de “não lugar do tempo vivido”, como um “não factual da memória” que define nossas leituras e sentimentos biográficos tão profundamente quanto os acontecimentos concretos. Não é a objetividade de qualquer lembrança possível de um dado momento ou situação vivida, mais a impessoalidade de certas lembranças, uma espécie de sentimento virtual de mundo que nos transcende em uma irracional apreensão passional das coisas; como se fosse possível contemplar a aura mágica que envolve as configurações mais autênticas de nossas imagens de realidade.



Uma vida tem um estoque imenso.

Um homem cabisbaixo, voz pequena, me conta que foi escolhido por um olheiro quando tinha 10 anos, junto com outros 2 amigos para ir treinar futebol em um grande clube - seu pai o impediu. Os amigos são grandes jogadores hoje em dia, conhecidos mundialmente. Ele está desempregado, sua esposa está desempregada e ele busca um novo lugar para morar, está em busca de um início. Uma jovem me diz que achou lindo ouvir e contar memórias na rua e gostaria de fazer isso também. Sai andando sem me contar nada. Um homem me fala um poema. Uma criança faz um pedido para o papai Noel. Dois irmãos me falam que os pais se separaram – memória compartilhada. Uma senhora conta que quando pequena achava que sua irmã ao ler livros, via imagens como num filme. Ela gostaria de ver também, por isso aprendeu a

ler rapidinho. Um rapaz conta que ao tropeçar e cair no pátio do colégio cheio de crianças preferiu fingir um desmaio para que não rissem dele. Ficou no chão uns minutos “desmaiado. Um desmaio é sempre menos vergonhoso que um tombo! Uma senhora conta que quando era criança tinha uma boneca e elas cresceram juntas. Hoje em dia ainda são amigas e viajam muito.

O passado não permanece inalterado.

BACHELARD Gaston. A poética do Devaneio/ tradução de Antônio de Pádua Danesi. SP: Martins Fontes, 1996.

HILLMAN, James. A força do caráter: e a poética de uma vida longa. Rio de Janeiro/ RJ. Objetiva. 2001

VERNANT, Jean-P. O Universo, os deuses e o homem. São Paulo/SP. Companhia das Letras, 2000.



# COSTUME

Denise da Luz

Atriz, diretora, figurinista, professora e cofundadora de Téspis Cia de Teatro

A Téspis Cia de Teatro, existente há 23 anos, foi formada com o intuito de estudar o fazer teatral e aplicar tais conhecimentos em montagens de espetáculos.

Sempre tendo o trabalho do ator como centro do processo criativo, temos experimentado diversas linguagens, sobretudo as que privilegiam o “corpo” como recurso expressivo, porém sem abrir mão, na maioria das vezes, do texto. Além disso, temos explorado também em nossos últimos espetáculos, o recurso audiovisual e a música/trilha/ambientação sonora como recurso dramático.

Embora a maioria de nossos trabalhos montados tenham sido pensados para palco italiano, a relação com espaços cênicos diversificados também tem sido alvo de nosso interesse e foi experimentado em algumas de nossas montagens. Desde experiências na rua, até a criação de instalações que incluam o espectador “dentro” da cena, passando pela arena e espaços mais intimistas.

E foi devido à essa necessidade de experimentar a relação com o público a partir de espaços distintos que nos pareceu muito instigante a oportunidade de participar do II Provocações Urbanas realizado pelo Eranos Círculo de Arte, com a intervenção Costume.

A primeira pergunta que norteou essa criação foi “que tipo de situação poderia ter potência suficiente para intervir no cotidiano das pessoas?”.

E em seguida surgiu a segunda grande questão que foi “não queremos levar para a rua, o que fazemos no palco, no sentido de apenas transferir um tipo de linguagem de um espaço para outro. Queremos propor algo que leve em consideração a particularidade do ambiente urbano”; algo que possa dialogar com a cidade de alguma maneira, algo que possa causar um ruído em um ambiente que possua uma dinâmica própria, onde normalmente não ocorram muitas variações.

Buscamos algumas referências para embasar a proposta, e percebemos que trabalhos muito

diferentes entre si aparecem descritos como performance, geralmente definida como uma forma de expressão que articula várias modalidades de arte: dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura, etc, desafiando classificações. Em outros casos performance é considerada como o objeto das muitas formas atuais de investigação e que também engloba produções contemporâneas como o happening, as instalações, a arte do corpo, a videoarte, e outras.

É verdade que não nos distanciamos tanto assim de um tipo de pensamento que norteia nosso trabalho e de algumas influências que a companhia tem sofrido durante sua trajetória. Dessa forma, nossa interferência aparece primeiro como uma imagem, o que reforça uma característica da companhia no que diz respeito à valorização da questão plástica da obra, que nos interessa sobretudo no teatro de Tadeusz Kantor, principalmente através de suas figuras/personagens/homens/bonecos e em seguida a ideia da “repetição”, elemento que tem aparecido fortemente nos últimos trabalhos da companhia, talvez devido à forte influência da obra de Samuel Beckett.

Além disso, a proposta aparece em um momento em que estávamos montando nosso mais recente espetáculo, “Tomara que não chova ou a incrível história do homem que se transformou em cachorro” onde a temática gira em torno daquelas coisas com as quais nos acostumamos no dia a dia. Essa ideia atravessou a proposta da nossa intervenção e orientou algumas escolhas, sobretudo no que diz respeito ao mote da questão que aborda a situação de um “casamento”. O “casamento” nesse caso, entendido aqui, como o “casamento tradicional”, como algo “costumeiro e conhecido”.

Um ator e uma atriz vestidos de noiva e usando máscara neutra estão parados à frente da “Igrejinha Velha” de Itajaí. Igreja esta onde são realizados a maioria dos casamentos da cidade. Um homem vestido de preto aciona o som de um apito e as noivas começam a se locomover em direção ao

calçadão da Rua Hercílio Luz, centro da cidade. A partir desse momento, todas as vezes em que o homem de preto aciona o apito as noivas caem e ele corre até elas e traça um risco em torno de seus corpos caídos.

A trajetória das noivas através de suas quedas, deixam marcas pelo calçadão semelhantes aquelas realizadas pela polícia, quando marca a silhueta de um corpo morto. As roupas das noivas também ficam marcadas pela tinta utilizada para fazer o desenho no chão. Até que, finalmente, depois de atravessar o calçadão inteiro, chegam ao extremo oposto da rua onde fica a “Igreja Matriz” da cidade. Bem maior do que a primeira, ativa e grandiosa. Fixam seu olhar sobre ela. Um carro chega, o homem de preto abre as portas, as noivas entram e vão embora, olhando pelo vidro do carro para as pessoas que as espreitam.

Para nós a experiência foi provocante sobretudo porque decidimos não termos uma relação direta com o público. A passagem pela rua seria nossa principal ação. E o que ela provocaria nas pessoas seria apenas observado por nós.

A trajetória foi marcada por risos, espanto, estranhamento, comentários e umas das reações que mais nos chamou atenção foi quando duas meninas decidiram seguir umas das noivas até o final de seu trajeto segurando seu véu. Um gesto preciso que complementava o ritual. Já não era uma observação passiva da situação que se desenrolava, mas uma participação direta. Ou seja, elas começaram a fazer parte do evento que se desenvolvia naquele lugar. Já não eram plateia, eram parte integrante da intervenção.

A partir dessa experiência, a principal questão que se apresentou para nós foi esse limite



entre “quem faz e quem observa”, que no teatro tradicional possui uma linha muito bem definida. No caso da intervenção urbana, quem observa quem? Quem realmente protagoniza a situação? Houve um momento em que éramos o provocador e o provocado. Assistíamos às reações das pessoas nos assistindo...

O evento Provocações Urbanas, realizado pelo Eranos Círculo de Arte, que se encontra em sua segunda edição, traz para Itajaí uma possibilidade de relação com a arte de maneira distinta, uma vez que a maioria da produção artística da cidade não contempla a rua como oportunidade de diálogo. Trata-se de um evento único, que possui a particularidade de trazer uma proposta mais

ousada para a população itajaiense, uma vez que a maioria dos eventos de teatro da cidade segue um modelo tradicional de festival com formatos já experimentados à exaustão em várias regiões do país.

Iniciativas dessa natureza, que discutem a arte de um ponto de vista mais plural, e que além do evento em si traz a opção de um registro que fornece a impressão dos artistas que participaram de sua realização, precisam ser celebradas, incentivadas e prestigiadas para impulsionar seu desenvolvimento e gerar muitos frutos.

Vida longa ao Provocações Urbanas!



Performers:  
Denise da Luz  
Jônata Gonçalves  
e Max Reinert





# “VERDADE 1000 VEZES REPETIDA SE TORNA VERDADE”

Sérgio Adriano H

Artista visual, mestre em filosofia, pesquisador e produtor cultural

O processo criativo de Sérgio Adriano H se fundamenta em pesquisas teóricas e práticas acerca dos fluxos de informações na sociedade contemporânea.

A pesquisa sobre a “verdade” iniciou no ano de 2003 tendo a morte como objeto principal de estudo, passou por constantes transformações visuais e teóricas. Fato relevante na trajetória do artista, o falecimento de sua mãe, Diva, em 2006, impactou seu processo criativo desde então. Com formação religiosa e embasada em suas crenças, ela acreditava que o corpo de uma pessoa morta deveria ser velado um dia e uma noite inteira, não importando a hora de seu falecimento.

Esse fato, em sua perspectiva ritualística, leva o artista, no velório de sua mãe, a realizar uma série de fotografias de detalhes sutis da morte com o título: “Portador da Verdade”. A obra repercute e reverbera o tema inicial sobre a morte, ampliando-o para debates e pesquisas direcionados para o que “é a verdade”.

No ano de 2013, a pesquisa, ainda voltada para o que “É a Verdade”, é tomada por um novo olhar: não deveria buscar somente o que “É a Verdade”, mas compreender como o “Sistema da Verdade” opera no indivíduo e rege a si mesmo. Os novos estudos levam ao encontro da relação entre Verdade, Felicidade e Sociedade, que resultaram em vasta produção artística, onde se destaca a obra “Verdade 1000 vezes repetida se torna verdade” (7/1000) que foi apresentada na cidade de Itajaí em outubro de 2015.

O projeto é composto de uma Ação/Exposições de arte em tapumes, muros, calçadas e escadarias nos espaços públicos locais, onde o invisível esteja presente, isto é, espaços que não estão inseridos no universo cultural e à sombra da sociedade. A Ação/Exposição é composta por 38 fotografias de Sérgio Adriano H, colocadas em molduras de 20

X 20 cm, 30 x 30 cm, 30 x 40 cm e 3 livros com as páginas coladas. O transporte é feito com 1 carrinho de duas rodas e 6 malas e o deslocamento acontece pelo caminhar, metrô, ou transporte público, tendo como proposta realizar esta Ação/Exposição 1000 vezes em diversos locais do mundo.

Na cidade de Itajaí aconteceu no calçadão da Hercílio Luz, com duração de 4 horas e a permanência do artista dialogando com o público. A escolha deste local foi baseada na grande circulação de pessoas, na importância histórica (antiga “Rua da Matriz”) e por ser considerado um ponto estratégico para o inesperado encontro com uma exposição de arte.

Segundo Marilena Chauí (2010, p. 248) “do verbo facio, fazer uma ação, deriva-se o verbo afficio, receber uma ação, de maneira que o primeiro traço da affectio é a passividade, o sofrer uma ação originada em outra coisa”. Dentro desse contexto é que a palavra ação é empregada na produção do artista, que realiza uma “Ação” que reverbera no espectador, onde o mesmo, saindo da condição de espectador (passividade), se torna um agente de uma nova “Ação”.

Quando estou em meu estúdio e visualizo minha produção, começo a viver, e ao levar para as ruas minhas obras, meu corpo, minha alma, busco dialogar com os espectadores nas diversas linguagens artísticas. Neste momento estou vivendo plenamente.

Isto fica mais latente quando existe uma interação do público como ocorreu na cidade de Itajaí, enriquecendo meu repertório como artista e pessoa. O imaginário artístico e social revela muitas coisas, que nem sabíamos que era segredo para nós, o quanto da realidade se torna presente em uma exposição, logo, é o questionamento da sociedade, um meio de conexão, um dispositivo no campo público que faz completar a proposta “Verdade 1000 vezes repetida se torna verdade”.

Os questionamentos sobre a Verdade, Felicidade e Sociedade, levam a uma grande oportunidade de reflexão sobre o Ser e o Outro, ou seja, o material se torna imaterial, feito de ideias. O papel do artista é tão importante que é capaz de modificar a maneira como olhamos o mundo a nossa volta. Também a interação do público, do observador, tem seu papel fundamental, pois sem o mesmo a beleza das ideias não se transpõe para o cotidiano.

Basicamente, nesta obra, utilizo dois métodos:

(1) Trabalho com cruzamentos de linguagens: instalações, objetos, fotografias, imagens, palavras, ideias que provocam um diálogo produtivo e reflexivo;

(2) Abordo os processos sociais que definem regras de aceitação, baseados no decorrer da vida onde o homem é apresentado a diversas verdades – Verdades Apresentadas – que irão constituir o – Eu Verdade Apresentada – que é estipulado por Crenças e Hábitos.

Desta forma, somente o Conhecimento pode superar esta Verdade Apresentada, transformando-se em uma oportunidade de duvidar, ou seja, dar o benefício da dúvida sobre algo que foi apresentado como verdade. Não é

simplesmente duvidar por duvidar; é duvidar para uma elevação de conhecimento.

A Arte possibilita nos mantermos vivos e lúcidos neste mundo que habitamos e para isso, precisamos quebrar paradigmas sociais, analisar e questionar como as regras são impostas e por quem. Muitas vezes, olhamos a arte como um ‘perigo iminente’, algo desconhecido e reagimos a este perigo pela falta de compreender o signo e a significância. Assim, por um ato involuntário de negação, perdemos o melhor que a Arte nos oferece: a experiência de um novo sentir de significados amplos; logo, o evento 2º Provoações Urbanas contribui para o diálogo sobre o signo e a significação, desmitificando a Arte.

A arte não é simplesmente um sistema independente de significação. Ela é, na verdade, uma prática social, e a gama de possíveis significados a sua disposição em qualquer tempo e período é circunscrita por um contexto histórico (WOOD, 2002, p.15)

A Arte se transforma com a evolução humana; os signos se modificam com as transformações da linguagem e a sociedade define seu representante de algo, o signo, que está por outra coisa. Esta ação do signo acende os conflitos, que em um determinado momento gera um espaço-tempo

de sensação de vazio. Serão a decodificação e a percepção do signo que reestabelecerão a cognição.

A Arte é um exercício que se constrói na quebra das amarras de um olhar comum, na procura consciente da própria forma de olhar, no exercício de buscar novos paradigmas, na construção de relações e no olhar de um pensamento que pode ser divergente, questionador, levando a um pensar. A sensibilidade aumenta à medida que se entra em contato com a Arte e, cada contato que se estabelece, incorpora algo de novo à sensibilidade.



Precisamos transcender o ver para o olhar e o escutar para o ouvir, não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade. E como consequência esse olhar cristalizado produziu uma cegueira estereotipada. Olhar envolve a atenção e é a mais alta forma de generosidade, pois envolve uma sintonia consigo mesmo e com o grupo (WELL, 1996, p. 10).

O ver e o escutar fazem parte do processo de construção desse olhar, porém também não fomos educados para a escuta. Em geral, não ouvimos o que o outro fala, mas sim o que gostaríamos de ouvir. O mesmo acontece em relação ao olhar estereotipado, estático, imóvel, querendo ver só o que agrada, o que se sabe.

Ver e ouvir demanda entrega ao outro e só se entende o outro e sua história se houver uma abertura de aprendiz. “Ver não é o mesmo que olhar, assim como ouvir não é igual a escutar. Ver envolve apenas o esforço de abrir os olhos, olhar significa abrir a mente e usar o intelecto” (CUMMING, 1996, p. 35).

É esse repertório teórico que embasou a concepção e criação da obra exposta em Itajaí e que serve de sustentação para o processo das pesquisas em desenvolvimento que vem sendo realizado pelo artista.



CUMMING, Robert. Para Entender a Arte. São Paulo: Ática, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas, volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOOD, Paul. Arte Conceitual. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2002.

FREIRE, Madalena. Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.



# A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE NO JOGO REAL/FICCIONAL

Rafael Orsi de Melo  
Ator, presidente do Grupo RISCO de Teatro

Com quatro anos de atividade, o Grupo RISCO de Teatro tem como uma de suas principais características a investigação de elementos deslocados do que podemos denominar de "centro social". Em seu trabalho, o grupo procura traçar, como objetivo de criação artística, a aproximação com o que está à margem: com o que é marginal e/ou com o que é posto como marginal.

Na intervenção urbana OS MENDIGOS - trabalho que apresenta dois indivíduos em conflito com a pobreza, com arte e com as relações limites entre artistas - procuramos por meio do jogo real/ficcional, a experiência e a análise das relações

humanas acerca das reações e movimentações por parte dos transeuntes. Além disso, e acima de tudo, buscamos, com esta intervenção, a experiência - ainda que mínima - de se colocar no lugar do outro, na procura de entender como seres humanos e artistas, que visão de alteridade é a capacidade de ver o outro como outro, e não como estranho.

A experiência de performar OS MENDIGOS no II Provoações Urbanas foi singular do ponto de vista do clima, da provocação e das relações. Num dia de chuva e frio, infiltramo-nos na rotina da cidade estimulados pela procura ao alimento. Provocados por Sandra Coelho e Leandro de Maman - idealizadores e organizadores do evento - a experimentar um período sem se alimentar, permanecemos aproximadamente 18 horas sem comer. Em meio a reações de repulsa, de afastamento e carregadas de preconceito, tivemos a fome sanada por duas marmittas doadas gentilmente por uma senhora. As relações estabelecidas e

propostas pelas duas figuras marginais transitou entre poucos acolhimentos e muitos desvios, o que nos fez experimentar situações de vínculos humanos diversos, como por exemplo o contato com alguém que já passou pela situação exposta na intervenção: Acho que vocês deveriam sair da chuva e se acolher em uma marquise. Hoje, me encontro em situação melhor, mas já estive no lugar de vocês (Fala de um profissional da Ambiental aos dois indivíduos durante a intervenção).

A ruptura da rotina através da inserção poética tem lugar central no II Provoações Urbanas, evento de extrema relevância para a cidade de Itajaí e região, visto que, são diversos os grupos, as linguagens performáticas, os ambientes explorados e as pessoas atingidas e contaminadas por encontros como estes, que incitam o olhar, o pensamento e a análise sobre as relações humanas e o papel da arte na sociedade em que vivemos.



EMBREVE...  
UM NOVO CON  
DE MOÇA MASO

Performers:  
Rafael Orsi de Melo  
e Rodolfo Lemos



# REFLEXO

Leandro Maman

Performer, ator, diretor, designer, membro do Eranos Círculo de Arte



A performance “Reflexo”, ocorrida no 2º Provoações Urbanas em Itajaí, dá continuidade à minha pesquisa no campo da arte com foco na ocupação urbana, nasce da vontade da realização de uma ação de caráter predominantemente visual utilizando os elementos da cidade como matéria prima constitutiva da obra. Nesta ação me desloco pelo centro urbano portando um espelho sem moldura (de 1,8mx0,80m), este espelho é posicionado em diversos pontos da cidade buscando revelar enquadramentos em uma “janela” inesperada.

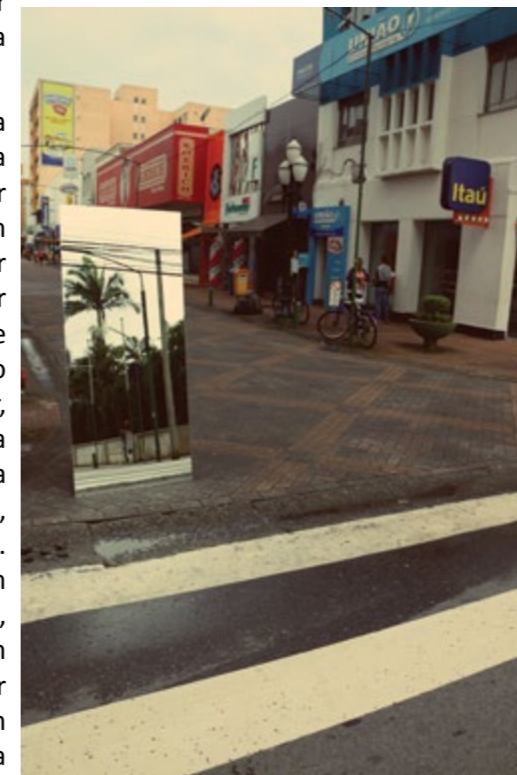
Deslocar talvez seja a palavra que melhor defina o foco da ação. Deslocar um espelho de ponto em ponto da cidade. Deslocar uma imagem de um lugar para outro, da realidade para a virtualidade do reflexo. Deslocar o olhar, tão acostumado a ver a mesma paisagem, vista agora de novo ângulo, em nova combinação. Deslocar um prédio em construção para o chão, o verde da paisagem em meio ao cimento, deslocar o céu para a calçada, um ônibus atravessa a fachada de uma loja, árvores na faixa de pedestres, um corpo caminha sobre outro, as luminárias flutuam no espaço, e em algum momento é possível se ver. Uma imagem funde-se a outra, mostrando combinações de realidade no momento presente de outra forma.

Como um quadro efêmero, que interage com a rua através de tecnologia cotidiana: o espelho. Que permite nos ver, que permite a cidade enxergar a si mesma. O corpo é que dá

sustentação ao espelho em suas posições, como um Atlas da imagem, carrega e sustenta seu peso.

A alusão à fotografia é imediata, por enquadrar uma imagem em um anteparo de proporções definidas, porém a relatividade da imagem quanto ao observador e o caráter efêmero trazem um novo tom a esse aspecto na ação urbana. A fotografia é viva e pertence ao momento presente. Desloca o olhar para enquadramentos ainda não observados, através de

um corpo que fotografa a cidade e retém a luz posicionando um grande fotograma.



O princípio do deslocamento já vinha sendo aplicado em ação na primeira edição do evento, na performance que apresentei chamada “A Tempestade”, em que uma cena de escritório era colocada com elementos deslocados em meio urbano.

Se antes uma cena deslocada de seu ambiente era instaurada em circuito fechado, dessa vez a relação com o entorno é elemento chave da obra, já que o espelho tem a característica de ser um anteparo sempre vazio à espera de uma imagem. A obra nasce do diálogo com as imagens trazidas pela cidade, e no processo das pessoas visualizarem os quadros. O que

torna a performance sempre distinta na cidade e no local que acontecer, já que utiliza o ambiente no momento presente como matéria prima de construção.

A ação revigora a visão da cidade já embolorada no cotidiano, buscando enquadramentos de poesia em meio ao-que-sempre-se-vê. Busca antes de tudo um novo olhar para o que já é dado, e um redescobrir lúdico da beleza esquecida e escondida na paisagem.



# CORTES EM NÓS 2

Franzoi

Artista visual, ator, diretor, performer, pesquisador e professor na área de estética e semiótica

**O CONVITE** para participar do “II Provoações Urbanas”, evento interdisciplinar de arte na rua, partiu de Leandro Maman e Sandra Coelho, integrantes do Eranos Círculo de Arte, por meio de contato via celular, WhatsApp e e-mail. De imediato aceitei por conhecer e confiar plenamente no trabalho do Eranos Círculo de Arte. Já havia acompanhado o “Provoações Urbanas” de 2013 pela internet, por contato com pessoas que presenciaram as propostas apresentadas, pelos resquícios das ações, intervenções, instalações e performances deixados pela cidade, como também as conversas com os artistas que propuseram e executaram seus trabalhos na primeira edição.

**A PROPOSTA** após discutir com Sandra Coelho e Leandro Maman, decidimos que a performance a ser apresentada em Itajaí seria cortes em nós 2. Segunda performance, de uma série de sete, que compõe o projeto cortes em nós, iniciado em 2007, em Joinville. Sete cortes, um a cada trimestre, com início às 10h da manhã, no primeiro sábado de cada mês.

## Do projeto cortes em nós

**O INÍCIO** Desde 1991 pesquiso as razões sociais, econômicas e políticas que culminaram no surgimento e desenvolvimento de Joinville. Estudo apresentado na monografia de pós-graduação A Função Social da Arte: Arte em Sociedade pela ECA/USP/UNIVILLE, intitulado “Joinville: sua degradação e influência nas artes plásticas”. Desde lá me incomodam vários aspectos da relação entre a cidade e o homem que a habita e desenvolvo propostas no campo das artes visuais para responder questionamentos e inquietações.

Em 2007 iniciei uma pesquisa antropológica, histórica e geográfica sobre o trânsito de Joinville

para definir o lugar exato para realização do projeto cortes em nós. O local escolhido foi o cruzamento central da cidade entre as ruas Nove de Março, João Colin e Avenida Juscelino Kubitschek. Por meio de registros fotográficos, vídeos e visita in situ encontrei um ponto cego no trânsito (para segurança total do projeto) defini datas, figurino e demais acessórios para realização da performance.

O espaço da performance torna-se simbólico pela apropriação do cruzamento central da cidade sob o ponto de vista histórico, econômico, social, político e geográfico: Norte, Sul, Leste e Oeste. Todos esses fatores contribuem para produção simbólica de cortes no cronotopo. As ruas, os carros, as pessoas, as bicicletas, o tempo e a própria tesoura produzem cortes no espaço e no tempo e com isso ressignificam cada ação, cada partitura da performance.

**O MEIO** O projeto não foi concluído em Joinville por questões políticas e sociais. Apenas duas performances foram realizadas.

No dia primeiro de dezembro de 2007, apresentei cortes em nós 1, com duração de vinte e oito minutos. De calça e camisa branca, portando uma bandeja com sete vidros, uma tesoura e uma cadeira, andei pela calçada da rua João Colin até o cruzamento selecionado e me posicionei no ponto cego definido pela pesquisa. Coloquei a cadeira no chão. Distribuí os sete vidros em forma de meia lua na frente dos meus pés e sentei. Peguei um punhado de meu cabelo, comecei a torcer e a dar nós, e, assim que terminei saquei uma tesoura do bolso, cortei o cabelo e deposei dentro de um dos vidros. Procedi assim até cortar todo o cabelo e encher todos os vidros. Em seguida, dei um grito surdo. Silêncio. Toquei de forma suave meu cabelo e rosto. Congelei. Parei. Depositei os sete vidros e a tesoura sobre a bandeja. Levantei e coloquei a bandeja sobre a cadeira. Suspendi a cadeira e caminhei em direção à faixa de pedestre. Cheguei até a calçada e encerrei a performance, sem atrapalhar o trânsito.

No dia oito de março de 2008, após deixar a barba, crescer desde a performance anterior, aconteceu a segunda etapa do projeto cortes em nós 2, com



duração de 14 minutos. No mesmo cruzamento, coloquei a cadeira no ponto cego e sentei. Retirei uma navalha do bolso e fiz o corte da barba a seco. No início, de forma lenta e suave, depois a ação tornou-se mais veloz agressiva. Saquei outra navalha do bolso e concluí a retirada da barba, utilizando duas navalhas simultaneamente. Após a finalização do corte da barba, repeti o grito surdo. Silêncio. Toquei, de forma suave, o rosto. Parei. Levantei, peguei a cadeira e caminhei no centro da rua João Colín, entre os carros, sem atrapalhar o trânsito, em direção à faixa para atingir a calçada e finalizar a performance.

Para surpresa de todos, no meio do trajeto, um carro da polícia militar cruzou no meio da rua e parou na minha frente. Saltaram dois policiais fardados, pediram-me para colocar a cadeira no chão, puxaram meus braços para trás das costas e colocaram-me uma algema. Conduziram-me para o banco traseiro do carro, fecharam a porta, entraram na viatura e arrancam. Ouvi o público gritar: “É arte. É arte. É arte”. Dentro da viatura um dos policiais pegou o rádio e falou: “onde é para levar o miliante?” Rodamos pelo centro de Joinville por alguns minutos. O mesmo policial virou e me perguntou: “o que você estava fazendo lá?” Então respondi: “uma performance intitulada cortes em nós 2.” O policial me olhou assustado, como se tivesse vendo um alienígena. Fui conduzido para a Central de Polícia de Joinville, rua Prefeito Helmuth Fallgather, 215, no bairro Boa Vista.

Após registrar o depoimento desse ocorrido, o delegado civil me liberou. Um policial retirou-me as algemas. Entregaram-me a cadeira, objeto utilizado por mim na performance, e fui conduzido para a porta de saída. Ao sair, depusitei a cadeira no chão. Fui abraçado pela multidão que estavam de frente à Central de Polícia. Término da performance.

**O FIM OU O INÍCIO?** A repercussão na mídia foi ampla e abriu um debate sobre direito público e privado; conceito de liberdade; a performance no espaço público e a importância e relação da arte na contemporaneidade. Não houve, por parte do poder público de Joinville, no ano de 2008, interesse e compreensão artística e conceitual para continuidade desse projeto.

Em novembro de 2008, iniciei um estudo para realizar a performance em São Paulo. Um teste realizou-se na Avenida Paulista e descartou-se como possibilidade de local. Após pesquisa antropológica, cultural, geográfica e política mais aprofundada, foi escolhido o cruzamento das ruas Ipiranga com a São João para realização desse projeto.

Em 2009 assumi a coordenação do Museu de Arte de Joinville. Criei um impedimento ético para realização desse projeto em Joinville, já que me propus a não expor na cidade durante minha gestão. A falta de agenda também me impediu de realizá-lo em São Paulo.

Em 2010, fui convidado para fazer parte da equipe curatorial do projeto, Rumos Artes Visuais 2011-2013, do Itaú Cultural, o que me impediu de realizar esse projeto em São Paulo, naquele momento. Quando, em 2015, resolvi retornar ao projeto e iniciei a preparação para realizar a performance em São Paulo, recebi o convite da Eranos Círculo de Arte para participar do “II Provocações Urbanas”. Vislumbrei a possibilidade de realizá-lo em Itajaí com todo o entendimento, conhecimento, respeito e respaldo técnico por parte da cidade e, principalmente, por parte da curadoria e da produção do evento interdisciplinar de arte de rua “II Provocações Urbanas”.

**DO CONCEITO** A performance cortes em nós 2 lida com os cortes que a sociedade impõe ao ser humano. Cortes geográficos, políticos, antropológicos e sociológicos que influenciam o comportamento contemporâneo entre os seres humanos. Suas inquietações quanto a sua existência e a do outro. A percepção, ou não, do outro. Da necessidade, ou não, do outro. Da angústia de ser visível e/ou invisível. E do quanto o corpo consegue suportar dentro do espaço e tempo a que é submetido. Reivindica a noção de ciclo, da passagem inexorável de tudo que se estende na temporalidade com questões tão delicadas quanto perturbadoras para o entendimento de aspectos fundamentais da existência. Na medida em que o homem se coloca no espaço e no tempo, lembra que tudo que um dia teve início no mundo manifestado, outro dia fenece, desaparecendo naquilo que tinha de circunstancial.

Esse conceito parte da etimologia de cada palavra para depois se unir a um significado semiótico e antropológico da existência do ser humano em harmonia e relação com o universo que o cerca. O corte divide algo em duas ou mais partes. Separa a parte de um todo. Corta a artéria da cidade. O nó é o encontro de duas linhas que se cruzam, ou uma linha que se cruza em si mesma, e continuam seus percursos no espaço. Quem é essa linha? Que espaço corpóreo ou incorpóreo ocupa? Qual a relação desse encontro? Quais desdobramentos ocorrem a partir desse entrelaçamento? Quais questões instintivas acendem em “nós”. Qual a relação entre o público e o privado? Essas são algumas das questões veladas e reveladas pela performance. O trânsito aqui é tratado feito corpo composto por pele, ossos, artérias, órgãos internos e externos que a cada respiração molda-se no tempo na busca desenfreada de adaptação para a sobrevivência. Por isso seu caráter mutante, no qual a partitura performática dialoga com o espaço e se ressignifica a cada gesto.

## DA ETIMIOLOGIA<sup>1</sup>

**cortes, cortar** (do latim *curtare, curtus*)  
v. tr. 1 Separar, dividir (algo) em duas ou mais partes, utilizando algum instrumento ou as próprias mãos, cortar um bolo em fatias. 2 Retirar uma parte ou tudo, apartar, separar (parte de um todo), cortar os cabelos, cortar uma parte do texto. 3 Interromper, cortar a água, a eletricidade, o trânsito. 4 Dar golpe ou corte em. 5 Ferir-se em. 6 Encurtar. 7 Aparar. 8 Abater, proceder ao corte de. 9 Interceptar. 10 Amputar. 11 Abrir caminho, sulcar. 12 Gretar, fender. 13 Cruzar. 14 Atalhar. 15 Interromper. 16 Suprimir, eliminar. 17 Talhar. 18 Repassar, transir. 19 Causar impressão dolorosa.  
v. intr. 1 Dar golpe, fazer incisão. 2 Atravessar, cruzar, fazer caminho. 3 Fazer transir. v. pron. 1 Ferir-se, fender-se pelas dobras. 2 Contradizer-se. 3 Perder o fio ao discurso.

**em** (do latim *in*)  
prep. 1 Indica o lugar onde, meio, modo, sucessão, tempo, causa, estado, fim, divisão etc.

**nós** (latim *nos, nostrum* ou *nos, nostri*)  
pron. pess. 1 Indica a pessoa que fala associada a outra ou outras pessoas, e funciona como sujeito. 2 Us. Em complementos preposicionados. 3

Us. Em registros formais no lugar de eu, como expressão de modéstia.

**nó** (latim *nodus, -i*)  
sm. 1 Entrelaçamento apertado de dois ou mais fios, cordas, etc. 2 A parte articulada da falange dos dedos. 3 Ponto de junção do ramo de uma árvore com outro ramo, folhas, etc. 4 Náut. Unidade de velocidade equivalente a uma milha marítima por hora. 5 Fig. Ponto essencial ou crítico de algo. 6 fig. União, ligação. 7 Fís. Sistema de ondas estacionárias.

<sup>1</sup>FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

**DA PERFORMANCE** A partir do estudo preliminar sobre Itajaí, Leandro Maman, Sandra Coelho e eu escolhemos o cruzamento da Avenida Coronel Marcos Konder com as ruas Doutor Bonifácio Malburg e Frederico Augusto Luís Tieme, próximo a Paróquia Santíssimo Sacramento, para realização da performance.

Quanto ao registro dessa ação ficou a cargo da curadoria e da produção do evento. Foram convidados a jornalista Karoline Gonçalves, o artista visual Osmar Domingos, o comunicador Rogério Ferraes, e os artistas do Eranos Círculo de Arte, Sandra Coelho e Leandro Maman.

No dia vinte e nove de outubro de 2015, às 15h30min, a equipe se reuniu no calçadão, entre a Casa de Cultura Dide Brandão e o Museu Histórico de Itajaí, para discutir como fariam os registros e como aconteceria a performance. Às 16h, vestido de calça e camisa branca, peguei a cadeira caminhei até a rua Hercílio Luz, entrei na Avenida Coronel Marcos Konder em direção às ruas Doutor Bonifácio Malburg e Frederico Augusto Luís Tieme, posicionei a cadeira no ponto cego do cruzamento selecionado e sentei. Retirei uma navalha do bolso e comecei a fazer a barba a seco de forma lenta. Alternei a velocidade do barbear. Saquei outra navalha do bolso e terminei de fazer a barba manuseando as duas navalhas ao mesmo tempo, uma em cada face do rosto.

Os carros e as pessoas continuaram a se deslocar pela cidade normalmente. Pessoas que caminhavam pararam diante da performance e a fotografaram, ou simplesmente olhavam a cena insólita e continuaram seu percurso. Terminei de me barbear. Observei o movimento das pessoas e

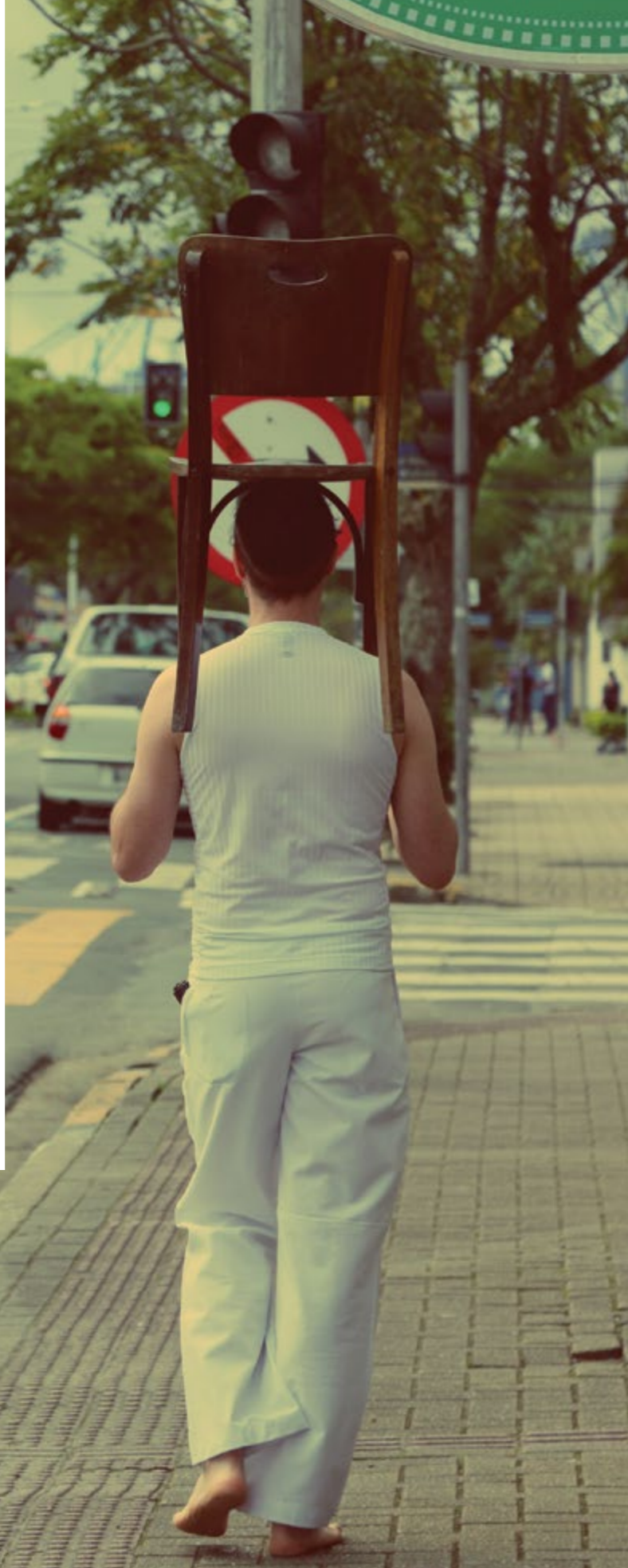
carros. Alisei suavemente meu rosto. Dei um grito surdo e todo meu corpo tremeu. Respirei profundamente sete vezes. Levantei. Peguei a cadeira usando a faixa de pedestres para me retirar do cruzamento. Caminhei em direção à Casa de Cultura Dide Brandão e o Museu Histórico de Itajaí. Ao chegar depusitei a cadeira no chão. Fim da performance.

**A CONCLUSÃO** Diferente de Joinville, onde a performance foi abruptamente interrompida por policiais, como já descrevi no início do texto, em Itajaí esse estranhamento, essa violência quanto aos direitos artísticos e civis, não ocorreu. Pelo contrário, sequer qualquer policial veio pedir explicações ou mesmo ficar de forma a vigiar a ação. Isso prova o quanto Itajaí está preparada para eventos desse porte.

Parabéns à Prefeitura Municipal e à Fundação Cultural de Itajaí que, através do edital de eventos comunitários, patrocinaram o evento; ao SESC correalizador; e ao Eranos Círculo de Arte pela coragem em conceber e desenvolver o projeto “Provocações Urbanas” que busca deslocar a arte do circuito de museus, galerias e universidades e inseri-la ao contexto urbano, onde a arte se relaciona na pele da cidade enquanto espaço expositivo e apresentativo.

Por mais insólito que a linguagem da performance possa ser sempre se entrelaça com o espectador, na busca de moldar identidades e afirmar atitudes políticas, numa potência sensível em fazer a arte-vida presente em nós e entre nós.

Que venha o “III Provocações Urbanas”.



## EXPEDIENTE

A Revista PROVOCAÇÕES URBANAS é uma publicação de registro do evento Provocações Urbanas promovido pelo Eranos Círculo de Arte. As opiniões expressas nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores. A publicação de artigos, fotos e desenhos, foi autorizada pelos responsáveis e seus representantes.

Revista PROVOCAÇÕES URBANAS | N ° 2 - 2016  
ISSN 2447-2565

Editoração: Sandra Coelho e Leandro Maman

Diagramação: Leandro Maman

Textos: Mauro Caelum, Mauro Filho, Denise da Luz, Sandra Coelho, Sérgio Adriano H, Rafael Orsi de Melo, Leandro Maman e Franzoi

Fotos: Sandra Coelho,

exceto fotos de Memórias por Leandro Maman

Distribuição Gratuita

**Eranos Círculo de Arte**

[www.eranos.com.br](http://www.eranos.com.br)

47 99975.7270 | 99924.8581

[eranos.arte@gmail.com](mailto:eranos.arte@gmail.com)

Itajaí - SC



realização



CÍRCULO DE ARTE

patrocínio



MUNICÍPIO DE  
**ITAJAÍ**



Fundação Cultural de Itajaí

Projeto contemplado pelo Edital de Eventos Comunitários de Itajaí

ISSN 2447256-5



9 772447 256005